

JOÃO PESSOA E SEUS CORETOS

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

A necessidade de estudar o urbano aliando técnicas tradicionalmente utilizadas para estudos deste tipo, a novas, com o intuito da valorização da cidade, vista não apenas como um simples conjunto de elementos visuais e palpáveis, mas, principalmente como um complexo conjunto de relações que se estabelecem entre os elementos que compõem o seu cotidiano, foi o que motivou o historiador José Octávio em seu livro - *Os Coretos no Cotidiano de uma Cidade: lazer e classes sociais na Capital da Paraíba*. Com farta documentação e riqueza de ilustrações, o A. abre caminho para a nova história urbana, deixando-nos entrever a encantadora Paraíba através de seus coretos, histórica e pitorescamente analisados.

Como nos coloca José Octávio, a instalação dos coretos na capital paraibana data das três primeiras décadas deste século, muito embora, desde o final do século passado, como a cidade se encontrasse em processo de alastramento, a área central tornou-se o ponto de convergência da população, atraída pelos encantos na rua e não mais desejando permanecer fechada no interior das igrejas. Nota-se aí claramente a influência da nascente burguesia urbana, ávida não só de diversões permanentes, como também interessada em obter lucros, através da valorização da área central da cidade.

Tanto na Paraíba como na maior parte das cidades brasileiras, notoriamente as litorâneas, a predileção pelos passeios ao ar livre, o gosto pelos jardins e pela música foram constantes, o que veio a facilitar os anseios dessa classe social emergente.

Ainda é nítida a influência européia no país, e, isto se reflete na própria construção dos coretos, cuja planta é circular ou poligonal, sendo assentados sobre base maciça, com ou sem porão de alvenaria, apoiados em colunas de ferro fundido, sendo suas escadas e peitoris também em ferro fundido.

Os coretos na Paraíba foram pois mantidos, até os anos trinta, pela classe média: a partir de então, quando ela já estará envolvida pelo

consumismo, lançará mão de outros mecanismos de lazer e convivência social para entreter-se. Com isto, advém a exaustão dos coretos e das bandas de música, parceiras inerentes desta diversão popular. Surge, então, como enfatiza o A., uma sociedade massificada, com problemas e valores peculiares, que acabam por decretar o fim dos coretos, uma vez que aquela estrutura social centrada nas praças e jardins públicos para seus momentos de lazer, já não mais encontrava ressonância, até porque com a evolução dos meios de comunicação, com a chegada do rádio e da TV, o coreto não tinha mais espaço, cedendo seu lugar aos clubes, pavilhões de dança, cinemas...

Preocupou-se ainda o A. em resgatar o significado de cada coreto existente na Paraíba, não se limitando apenas em descrevê-los, mas principalmente o seu "em torno", o que sobremaneira enriqueceu o texto, pois, torna claro hábitos e costumes da gente paraibana, vivenciando os domínios do cotidiano e do imaginário social, constatando que as inúmeras alterações paisagísticas pelas quais a cidade passou, nem sempre foram para melhoria da população, pois, conforme constatou o historiador paraibano, nada acrescentaram a estética ou mesmo a qualidade da vida urbana.

E é nesse sentido, sem qualquer saudosismo, que José Octávio conclui seu estudo demonstrando toda uma desarticulação social a partir da década dos anos sessenta, quando os coretos tornaram-se, definitivamente, "quadros na parede", fiéis testemunhos das mutilações sofridas pela capital paraibana!